

MARIA ALBERTA MENÉRES

Entrevistada por Maria Augusta Silva

«Antigamente eram sobretudo os avós que contavam histórias às crianças. Gostava de estar doente porque a minha avó materna contava-me histórias. É importante recuperar o papel dos avós na sociedade».

Mais de meio século a escrever para o imaginário da infância, sente que aprendeu mais do que ensinou?

Aprendi muito e ensinei alguma coisa. O que ensinei é também produto de ter sido criança. E o que as crianças me têm ensinado prende-se essencialmente com o encanto da curiosidade de ouvir, que me estimula imenso; dá-me capacidade de inventar outras maneiras de contar histórias. Ao escrever é também como se estivesse a falar para as crianças.

O exercício criador, no conceito de Camus, é uma forma de viver duas vezes. Volta a ser criança quando escreve para crianças?

Nunca me sinto criança a contar. É mais o desejo de transmitir coisas às crianças de hoje.

«Cem Histórias de Todos os Tempos», nova obra, na qual recria um mundo de fábulas, imaginário que nos pode levar aos Sumérios. A efabulação é desde sempre o grande segredo da escrita infantil?

Este livro é como se fosse contado olhos nos olhos à moda de quem o conta. Tentei, à minha maneira, contar aquela história mais que conhecida. É o recriar a maneira de contar.

Começa-o com uma história em que entra um burro que veste pele de leão para enganar o dono. Temos por aí muitos burros vestidos com pele de leão?

Temos, temos. E o pior é quando os outros não descobrem o engano, porque o burro, esse sabe que está a enganar.

A magia de uma história é mais urgente do que nunca?

Precisamos de descobrir a magia simples das coisas e dar-lhe importância mais do que nunca. Descobrir a magia da natureza, porque cada vez a natureza está mais apagada. O campo é um fascínio.

Entre a criança do campo e a criança da cidade, que diferenças?

A minha escrita para crianças é toda campestre. Há grandes escritoras, como a Alice Vieira, que têm claramente uma escrita citadina, do mesmo modo essencial. O meu espaço é mais o da contemplação, do existente antes das casas. Mas as crianças precisam do conjunto.

A sua escrita infanto-juvenil é marcada por uma forma de contar tradicional...

Uma das características da minha escrita é aproveitar as maneiras de viver de que me lembro a minha mãe falar. Vou sempre à oralidade. Quando explico coisas aos mais novos tenho de ser natural, precisam de entender a minha linguagem.

O diálogo na família é cada vez mais difícil?

Antigamente eram sobretudo os avós que contavam histórias às crianças. Gostava de estar doente porque a minha avó materna contava-me histórias. É importante recuperar o papel dos avós na sociedade.

Existe algum modelo de família ideal?

Cada família é diferente. Às vezes pensamos ser uma família ideal e depois para as crianças não é. Terá de ser, acima de tudo, uma família atenta porque as crianças são imprevisíveis por natureza. Quando se vê uma criança muito bem comportadinha não quer dizer que seja feliz.

Prostituição infantil, que diz?

É das maiores tragédias. Impunha-se, a meu ver, neste momento, uma reciclagem das famílias e da própria sociedade. É preciso ter a

preocupação social de criar escolas para a família, apesar de acreditarmos que não se trata de um drama só de agora.

Foi rebelde na sua infância e juventude. Chegou a ser eleita «miss-má». Maldades de que se lembre?

Tantas. Um horror! A que teve mais sucesso foi aquela de inventar que voava. Uma coisa louca. Tinha uma resistência enorme, corria e saltava mais do que todas. E porquê? Porque vivi muito tempo no campo. Tenho uma costela rural do Ribatejo onde cresci e comecei a perceber a natureza. Lá aprendi a ler sozinha, perguntava e ia descobrindo. Entrei na escola diretamente para a terceira classe, com nove anos.

Sobredotada?

Muito espevitada e com muita lata. Todas as asneiras que se fizessem naquela família olhavam logo para mim.

Irmãos?

Duas irmãs mais novas.

Saíram a si?

Normais.

Por que comeu uma barata aos nove anos? Atitude de afirmação ou de contestação?

Foi da terceira para a quarta-classe, no colégio das Franciscanas Missionárias de Maria. Jogávamos à macaca com uma telhazinha e a telha melhor metia-se no bolso com terra e tudo. Os bolsos ficavam rasgados e as freiras, para aprendermos que não devíamos fazer aquilo, sacudiam a terra e punham-nos a telha na açorda do dia seguinte.

As freiras também eram frescas...

Queriam dar-nos uma lição. Então, estava eu a comer a açorda, olho e digo para mim: a minha querida telha! Procurei vingar-me, nem era bem vingança. No dia em que o arcebispo Mitilene visitou o colégio, era assim como se fosse o Papa, a madre superiora pôs-me nos lugares da frente para não fazer nenhuma asneira. Mas caiu do teto uma barata no meu prato, uma barata pequenina. As outras deram conta e começaram a gritar: *uma barata no prato da Alberta!* E eu: agora é que é: coitadinha, querida barata, apanhei-a com a colher e engoli-a, não senti nada.

Gostava de dar espetáculo?

Sempre gostei.

Necessita de criar alegria?

Necessito. Gosto de comunicar com alegria. Gosto de ajudar as pessoas a descobrirem coisas e de as ver rir. Procuo sempre o humor.

Num mundo cheio de paradoxos é possível um imaginário saudável para as crianças ou estar-se-á a sofrer do 'imaginário doente' de que já falava Molière`?

Haverá sempre um imaginário saudável se quisermos dar esse imaginário saudável. Tem de existir em nós, também. Penso que a minha escrita para os mais novos é feliz, alegre. A minha poesia adulta, essa é extremamente triste. É o meu outro Eu.

Uma dupla personalidade?

Às vezes penso que sim, mas logo a seguir penso que não, até porque, a dada altura, fica tudo muito misturado. Na minha vida de todos os dias também sou assim: passo sempre pela tristeza mas depois tiro o melhor das coisas e às crianças procuro dar-lhes o lado mais saudável da vida.

Além da que chama poesia adulta, tem dispersa muita poesia para crianças. Que pensa fazer-lhe?

Estou a reuni-la num livro a que darei o título «Conversas com Versos», que foi o título do meu primeiro livro de poesia infantil. Será uma coletânea e deverá sair dentro de um ano.

Fechou o ciclo da mulher-poeta?

Voltarei à mulher-poeta mas não já. Acho que viverei até aos cem... É nessa poesia que sou a primeira Alberta; é o meu lado mais profundo, latente, a base de tudo. A escrita para crianças é o meu esforço de ser outra coisa, mas também verdadeira.

Escritora e professora. Em que terreno se foi sentindo melhor?´

Quase coincidente. Como professora é só ter uma matéria para dar. Como escritora não tenho matéria a dar senão a que me vai acontecendo.

Tão ligada a programas infanto-juvenis televisivos, como vê hoje a relação das televisões com as crianças?

Não estão a acompanhar, afetivamente, o imaginário da criança. Ligam mais ao sentido da aventura, que também é importante, porém, temos as crianças pequenas que ficam mais desamparadas nesse aspeto. Os próprios desenhos animados que aparecem, de um modo geral são estrangeiros. Tudo é dado com muita movimentação, um frenesim incrível. Não assistimos à paz e à calma de que a criança precisa para poder absorver o que tem de absorver enquanto criança.

A criança tem hoje um mundo mais aberto...

Mas mais frio, falta-lhe o calor da afetividade, o que pode ter consequências daquelas que depois se levam as mãos à cabeça. Contar histórias em conversa amena não entra em choque com a modernidade do mundo.

Há um limite de idade para nos contarem histórias?

Não. No ano passado, levei a minha vida a contar histórias aos professores. Foi tão divertido! E ainda hoje conto histórias a mim mesma, e leio muito.

Num tempo do ter há uma grande solidão nas crianças?

Uma grande solidão tanto nas crianças como em todos nós. Eu nunca estive sozinha e no entanto sofria de solidão, uma solidão ancestral, foi isso que me provocou a escrita.

Para educar uma criança é necessário o castigo?

Enquanto mãe e avó, aprendi que o melhor de tudo é explicar calmamente o porquê, elucidar claro, estar disponível com ternura e compreensão.

No livro 'As Chaves do Século XXI', Craig Kielburger deixa a grande interrogação: que infância no século XXI? Que infância?

Haverá de tudo. Não sou de desesperar. As televisões, os jornais, as escolas, as famílias podem ajudar a criar um país com uma certa lógica de vida, que não tem de ser um país santo.

Cada ciclo da nossa vida só se vive uma vez. Até hoje, em que tempo se achou mais feliz?

Agora, porque tenho uma disponibilidade interior maior para fazer o que quero. Esta é, para mim, a idade da paz, da produção e da comunicação.